

Desde o olhar deslumbrado com que o comandante da galé Conceição encarou, há quase cinco séculos, os morros de Guanabara, este Rio feito de mar e de batias tem mil Rios em cada olhar que o visita.

MUITO prosaicamente e em todo o rigor da geografia social, o Rio de Janeiro tem dois rostos, Norte e Sul que se opõem cada vez mais. Como a Europa da CEE, afinal. Só que aqui os hemisférios estão invertidos. Norte é pobreza e História antiga e Sul é civilização urbana de gosto em dia, numa com um prazer de vida muito especial.

No entanto há um diálogo cultural Norte-Sul por onde circulam as tradições que se prolongam do Rio Velho para o Rio Novo e se, de acordo com a mais elementar evidência, se diz que se trata de uma cidade a preto e branco com o mulato de perneio, é porque se é de olhar estriato numa paisagem de tantas raças e tão colorida pelo sol.

Perto do céu, as favelas

No Rio, a luz e o mar triunfam abertamente sobre todos os desastres dos milhões de

Falando de Deus e brincando de Diabo, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro seduz e entontece. Fica em nós como um corpo glorioso aberto ao sol e muito disponível às coisas do dia-a-dia

José Cardoso Pires

criaturas que o habitam carioca, mas são os altos morros de pedra que lhe dão solenidade. Erguem-se como presenças invencíveis a atestar a poderosa dimensão do Brasil que lhes está por trás. Perante eles, o desafio dos arranha-céus perde arrogância, humaniza-se, e o português em visita recua na História para imaginar o assombro dos navegadores de Cabral ao enfrentarem esses guardiões sem rosto daquele continente virgem que fez parar o mar.

Alguns eram menos abruptos e, com o tempo, cobriram-se de favelas que à noite se iluminam como sacrários cin-

Rio de Janeiro

Cidade de olhares mil

tilantes. Hoje, verdadeiros mundos à parte, com as suas leis próprias e a sua pobreza relegada, dominam, lá das alturas, a paisagem da cidade com regras de morte de punição. São territórios consagrados do comércio da droga e do crime, mas, para além dos rituais da «vendetta», são redutos vivos do cristianismo lá do alto que escorrem à noite sobre a cidade os murmúrios das celebrações afro-brasileiras que dão mística e ritmo à festa do corpo que é o desenrolar da vida carioca desde os arrabaldes miseráveis às praias sofisticadas de Ipanema ou do Leblon.

Exaltação sensual, mística ou sabor pagão é esse impulso que assinala, e nome de Deus, o tão falado balanço da mulher do Rio na sua graça e no seu requebrar. Deus, que é carioca convicto, fica do lado de lá do morro para não botar sombra ao Carnaval...

«Show» de Mulher

Falando de Deus e brincando de Diabo, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro seduz e entontece pela sua carga visual. Fica em nós como um corpo glorioso aberto ao sol e muito disponível às coisas do dia-a-dia.


«Show de Mulher» — alguém. Millôr Fernandes, pai-de-santo da revista **Pasquim**, a definiu nestes termos. E realmente, quando eu, há vinte e tantos anos, acordei pela primeira vez no Rio e abri a janela do pequeno hotel da Rua Senador Dantas, o que me surpreendeu não foi a confusão pardacenta da manhã na Cinelândia, mas a figura duma garotinha a atravessar a multidão ao compasso do samba de breque que saía duma loja de electrodomésticos em altos berros. Botecos, pregões de comércio pobre, vendedores de passarinhos, restaurantes portugueses em

modelo de casas-de-pasto, tudo se esfumou subitamente. O que imperava era a garotinha solitária que seguia, rua fora, meneando, fazendo passo.

«As moças sorriem fora de você», escreveu Drummond de Andrade. «As moças em flor estão dançando, fluindo no ar...». Exacto. A beleza incontida, essa ilustração da sensualidade, já vem, pelo menos, nos versos de Jorge de Lima e repete-se, nos nossos dias, no Vinícius de Moraes da **Garota de Ipanema**. No Rio, sempre que a luz se suspende são as mulheres em flor que passam, tocadas pelo sopro dos anjos do Corcovado.


A praia, denominador comum

Morei durante meses em Ipanema, na Praça Nossa Senhora da Paz, e era um gosto ver o mercado que se instalava ali, uma vez por semana, com as suas tendas de frutos tropicais, abóboras gigantes e doces populares em tu-cá tu-lá festivo com a burguesia sofisticada daquela área. Isso, penso eu, porque em quase todas as horas do Rio, o informal comanda a vida mesmo




VILA Galé praia HOTEL
★★★★



PRAIA DA GALÉ - ALBUFEIRA
Telefs. (089) 5 57 62/85 92 24 • Telex 56274 • Fax (089) 85 89 54




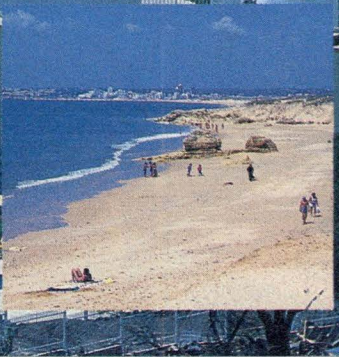
Privacidade, intimidade e atenção personalizada caracterizam o ambiente do Hotel Galé Praia, o novo empreendimento do Grupo Vila Galé. Depois do sucesso do Hotel Apartamento Vila Galé, a nova unidade vem oferecer-lhe ainda mais conforto e uma magnífica vista sobre a praia.

40 quartos luxuosamente mobilados e decorados, com varanda, ar condicionado, som ambiente, TV com antena parabólica e vídeo. Infra-estruturas excepcionais: praia reservada, campos de ténis, piscinas, lojas, discoteca, restaurante e bar. Venha conhecer o Hotel Galé Praia - um sonho à beira-mar.





que praticado como afirmação de à-vontade social. Depois, na Zona Sul, a praia pressente-se de longe, na arquitetura das residências, nas esplanadas dos bares e no comportamento estival de todo o ano que caracteriza a população. As pessoas bebem de pé e em grupo na rua, à porta dos bares, e há uma sensação de liberdade corporal no convívio do trabalho e do lazer. Nos passeios vêm-se porteiros sentados em cadeiras de lona, a olhar o tempo, e nos shopping centers vêm-se clientes de tronco nu ou em roupão de praia. A adolescente que atravessou a avenida marginal de grand danos pela trela continua por entre vivendas e comércio, de toalha a servir de saia e tão descalça como o moleque que vende pipocas de esplanada em esplanada.

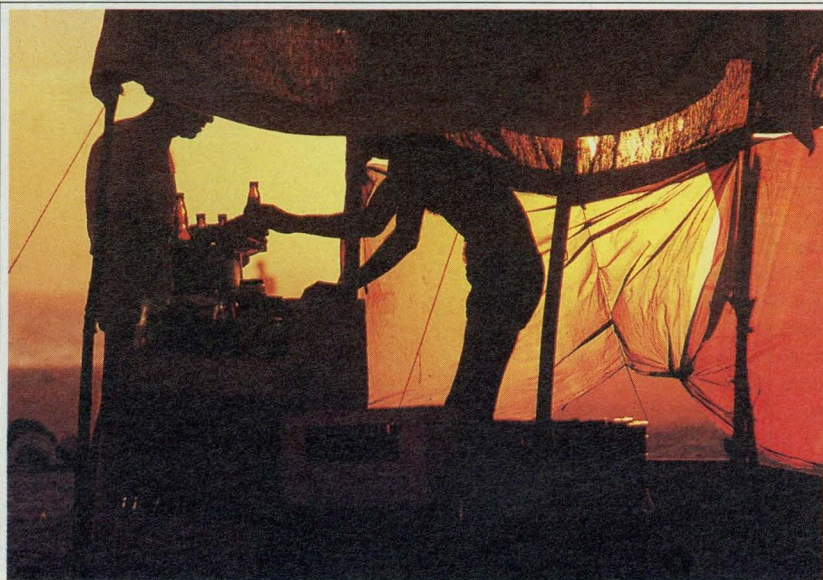
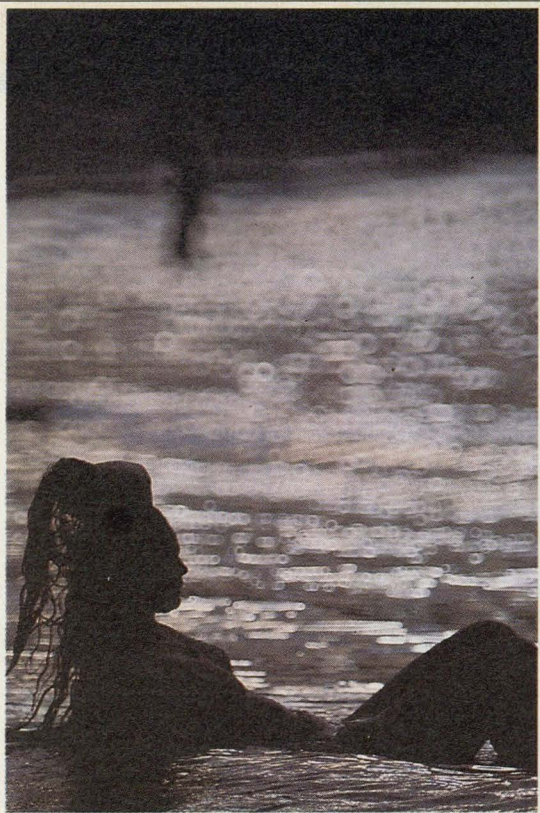
Estamos num território de status social consolidado, é bem de ver, naquele que se segue a Copacabana porque o Rio da idade feliz corre do norte para o Sul, do Velho para o Novo e sempre ao longo do areal da Guanabara. Cada ano está mais distante da geografia do passado, é o sentido do século que assim quer. Para trás ficaram os saldos históricos da Lapa ou da Vila Isabel, onde Noel Rosa, patriarca para sempre louvado do samba boêmio, improvisou as **Conversas de Botequim** e lamentações adjacentes. Para trás, também, ficou, reduzida a memória, a Praça Onze, outro santuário: foi lá que nasceu e fez escola o negro de mais belas cores do Brasil, Heitor dos Prazeres. Dos Prazeres — um nome a fixar. Com a mesma mão que assinou as pinturas que o consagraram nos museus e nas galerias, escreveu e dedilhou alguns dos sambas clássicos do repertório carioca.

Em demanda da Capital perdida

Viver hoje em terreno próprio essa música e essa poesia é difícil, a não ser numa gafieira legítima como A Estudantina, a única, talvez, que ainda resiste à erosão do tempo e da cultura. Fica na Praça Tiradentes; à volta, é a noite das ruas proscritas e desmanteladas, silêncio pobre e mercado de travestis, mas subindo a um sobrado de porta estreita, aí, sim, encontra-se ao vivo o samba essencial, dançado, como se diz, «a pé de ouro» e na mais respeitosa consideração pelas damas.

Gafieira: no dicionário das tradições, igual a baile reles, arrasta-pé. Há lião-da-chácara devidamente engravatado de dignidade para fazer cumprir os estatutos e orquestra de

(Continua na página 10-R)



Fotos Rogério Reis



Rogério Reis

Rio

(Continuação da página 9-R)

metais, segundo a regra de antigamente. Na Estudantina, Noel Rosa, Chico Anísio ou Pixinguinha são memórias tutelares veneradas por sambistas do rigor antigo, lado a lado com os intelectuais da Zona Sul. Na mesma noite é possível ouvir-se uma consagrada do show business como Elba Ramalho em parceria com o velho Moreira da Silva, o Último dos Malandros, assim chamado para honra sua e muito brio.

Diz-se, está em memória escrita, que entre a gafeira e o artista havia o botequim português pelo meio com conversa de cachaça e cavaquinho. Noel Rosa referiu isso

em letra de samba com um humor sorna e cagaste capaz de enternecer o diabo... Mas esse comércio patrício desapareceu sem deixar testemunho vivo. Balcões minhotos ou cervejarias de mesas de mármore, onde isso vai! Os últimos a assinarem a rendição tiveram a sua época de ouro na Cinelândia dos tempos da ditadura de Getúlio ou na Rua do Ouvidor onde, de resto, ainda hoje se mantém, com prestígio e beleza, a portuguesa Confeitaria Colombo.

É uma pequena catedral da elegância, a Colombo. Vem de longe, faz parte do Rio de Machado de Assis e pertence à geração de salões requintados da Ferrari de Lisboa. Estão ambas em letra dourada na literatura do princípio do século promissor. No Chiado, o Eça e, depois do Eça, uma sucessão de tertúlias de escritores com lugar marcado na Brasileira ou na Bertrand. Na Rua do Ouvidor as honras históricas cabem a Machado de Assis e à Livraria Garnier, a primeira grande editora do Brasil, a que se juntaram depois as tertúlias da Civilização e da Livraria José Olympio, quartel-general de Graciliano, Lins do Rego e Jorge Amado.

A marcha para o sul

No Rio, a geografia das artes é como se transitasse na direcção do sul, seguindo o percurso da cidade.

Nos tempos da revista **Senhor**, que ficou como exemplo sublinhado da vanguarda da imprensa brasileira, a matriz das artes e das letras estava implantada em Copacabana. Era a idade da **bossa nova** capitaneada por João Gilberto ou por Carlos Lyra nas noites gloriosas do Bottle's e do Au Bon Gourmet. A literatura, essa, fazia mesa no Fred's da Avenida Atlântica, com todos os trunfos do Grupo **Senhor**: Clárisse Lispector, Paulo Francis, Scliar, Nara Leão e, uma vez por outra, José Guilherme Merquior que era um naipe de natureza errante. Daí até ao bar Jangadeiro, ao Antónios e aos «inferninhos» de Ipanema foi um salto de poucos anos — o tempo necessário para Vinícius de Moraes compor o desafinado e dosear o whisky enquanto a novíssima dinastia de Chico Buarque, Betânia e Caetano Veloso, fazia a primeira recruta para a marcha sobre o Caneção.

O Canecão é hoje o hall carioca que se sabe e Vinícius é nome de rua, a dois passos do bar Garota de Ipanema, a personagem a que ele deu verso e vida. Um pouco adiante, numa transversal, viveu e morreu Carlos Drummond de

Andrade e, mais para diante ainda, frente ao Jockey Club, está Bruno Giorgi, mestre da escultura de Brasília. Ruben Braga mora a seguir, na Visconde Pirajá: mal encarado, vive Ipanema do alto de um terraço povoado por plantas exóticas.

Canto do Rio em Sol

Um sociólogo, Roberto Saturnino, ex-prefeito do Rio de Janeiro, afirma que a cidade é como um rabo de lagartixa. «Quando a gente o dá por perdido cresce de novo», explica ele. Tom Jobim diz que é o paraíso com o inferno inventado. E Hugo Carvana: «Sim, é uma cidade com a natureza presente, mulheres, montanhas e mar. Só não dá samba na cabeça dos administradores».

Neste conjecturar estão bem à vista duas coisas: o humor com que o carioca enfrenta a adversidade e o sabor mágico com que a exprime. Na capital da Guanabara a natureza é larga e esbanjadora até à boémia. Não tem o flagelar impiedoso do Nordeste nem a introversão dos frios do Sul e é isso que atenua, em certa medida, o gigantismo das fracturas económicas que cada vez mais se abrem nela. Como qualquer tecido social, define um estado de espírito, mas um estado de espírito que, como em nenhuma outra cidade, esquece a violência e o infortúnio em menos de um sopro. O tal humor carioca, quero eu dizer. A tal gentileza natural, desinteressada e sem disfarces, que de repente se pode transformar num golpe de morte. «Dou um boi para não entrar numa briga mas dou uma manada para não sair dela», ouvi eu uma vez numa conversa de rua.

Por um lado, é a alegria de viver e conviver que define a natureza do carioca mas, por outro, é a violência das assimetrias urbanas que o tornam violento. Gente trancada em casa por complexos sistemas de protecção, assaltos a transportes colectivos, morte a gume frio por motivos de somenos, são o dia-a-dia de qualquer grande metrópole do nosso tempo, mas aqui afiguram-se mais chocantes e quase insólitos porque contradizem a serenidade e a beleza do cenário natural.

Por tudo isto quem tinha razão era Drummond de Andrade quando introduziu a noite do indecifrável no seu **Canto do Rio em Sol**. Disse simplesmente:

«Rio, um milhão de coisas. Como explicá-lo à luz da Constituição?»

Comprei para ele.



CARDOSO
BOTELHO

Só para homens.